

A MAESTRIA NA ARTE DE SE COMUNICAR: UTILIZAÇÃO DAS POSIÇÕES PERCEPTUAIS EM AULAS, PALESTRAS E CONFERÊNCIAS.

Jair Sergio dos Passos*
Elizete Lúcia Moreira Matos**

Resumo

Este artigo é resultado de uma pesquisa no Programa de Mestrado e Doutorado em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUC-PR, denominado “Professor Mediador Utilizando as Tecnologias da Informação e Comunicação e a Contribuição da Neurolinguística em Sala de Aula”. O projeto se desenvolveu a partir da utilização de novas tecnologias de informação e comunicação (TIC), integradas aos atuais processos de comunicação e relacionamento, mais precisamente a Programação Neurolinguística (PNL). Neste sentido, uma das intenções desta pesquisa foi apontar as contribuições da moderna neurolinguística na prática docente, por meio de novas abordagens de ensino na sala de aula presencial ou virtual (estúdios) e que pode ser aplicado também em palestras e conferências. O presente artigo originou-se de um dos capítulos da dissertação de mestrado que tratou, especificamente, dos avanços no processo de comunicação e relacionamentos, apresentando o primeiro passo para o professor mediador começar a praticar a neurolinguística no início de sua intervenção. Destacam-se as visões de vários autores sobre as posições perceptuais em como podemos aplicar em diversas situações de sala de aula ou num auditório. Fica muito evidente também a importância desta técnica para o professor ou palestrante dominar seu próprio estado emocional, evitando agir por impulsos e assim ter atitudes cada vez mais

*Professor na área de Ciências Humanas. Mestre em Educação (PUC-PR). Psicoterapeuta, *Coach* Executivo e de Vida com certificação internacional. *Practitioner, Master e Trainer* em PNL. Licenciado em História e Estudos Sociais. Administração de Empresas *FAE BUSSINES SCHOOL* (1973 – 1979). Concluiu disciplinas de acesso ao Doutorado em Gestão pela *European University*. Especialista em Psicopedagogia, Educação Religiosa, Dependências Químicas e Emocionais. *Master* em Terapia da Linha do Tempo, Hipnose e Autohipnose. Promoveu, participou e realizou cursos e palestras em diversas áreas: empresariais, educacionais, saúde, qualidade de vida, terapia, comunicação, liderança, persuasão e relações humanas. jair.passos@pucpr.br

**Possui graduação em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (1987), Especialização em Recursos Humanos (1988) e Psicopedagogia (1991), mestrado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (1998) e doutorado em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina (2002). Atualmente é Coordenadora do Núcleo de Educação e Humanidades e Coordenadora da Especialização lato sensu em Formação Pedagógica do Professor Universitário da PUCPR. Professora Titular e Professora permanente do Mestrado e Doutorado em Educação da PUCPR. Tem experiência na área de Educação, atuando principalmente nos seguintes segmentos: Formação de Professores em Diferentes Níveis e Contextos, Ambientes Virtuais de Aprendizagem, Mediação Pedagógica e Tutoria Online, Meios Tecnológicos na Ação Docente, Formação de Professores para atuar com Escolares Hospitalizados ou/em Atendimento Domiciliar. Também esta desenvolvendo formação continuada online para professores de diferentes regiões do país que atuam com escolares em tratamento de saúde (projeto CNPq). Palestrante e Pesquisadora. elizete.matos@pucpr.br

assertivas em relação a novas formas de comunicação, que levem a uma metaposição para uma aprendizagem significativa e/ou resultados esperados.

Palavras-chave: Posições perceptuais. PNL. Metamediação.

1 INTRODUÇÃO

A primeira contribuição da neurolinguística pode acontecer a partir do início da aula ou palestra, já ao entrar na sala, no palco ou mesmo no estúdio de EAD¹.

O professor ou palestrante pode iniciar sua mediação dentro da sua maestria e se posicionar durante a aula, ou palestra, a partir do seu próprio ponto de vista, da perspectiva dos seus alunos, de seu público (platéia), ou até por outros ângulos de observação. Aqui começa a administração do seu estado emocional para conduzir toda a ação pedagógica.

As posições perceptuais ajudam a tomar consciência dos posicionamentos mais adequados para as diversas situações durante sua fala, para administrar seu estado emocional e intelectual e criar recursos para potencializar sua ação pedagógica, fortalecendo, deste modo, sua prática para uma melhor informação e comunicação com o aluno em sala ou com o seu público no auditório.

Ao pesquisar como Richard Bandler, criador da nova neurolinguística, trabalhava nos primeiros tempos em cursos de formação este conceito, percebemos um relato relevante a nossa pesquisa, em seu primeiro livro, original em língua inglesa: *Using your brain – for a change, USA - 1985*, editado no Brasil, em 1987, com o título *Usando sua mente: as coisas que você não sabe que não sabe*, Bandler (1987, p. 49):

Quando dizemos: “Você não está enxergando o meu ponto de vista”, estamos às vezes literalmente corretos. Gostaria que vocês pensassem em uma discussão que tiveram com alguém e sobre a qual tinha certeza de que estavam *com razão*. Vejam o filme da maneira como se lembram do que aconteceu [...] Agora quero que passem o filme do que aconteceu, mas do ponto de vista da outra pessoa, para que possam se ver durante a discussão. Vejam o filme do início ao fim deste novo ponto de vista [...]

Bandler (1987) trabalha durante os seus cursos pedindo aos cursistas que se observem nas diversas situações passadas, ou seja, como se estivessem vendo pedaços do filme de sua vida. A posição desta vivência poderia ser como se estivesse sentados na platéia, numa posição dissociada, ou ainda como se estivessem na platéia associados à imagem. Nesta última posição (associada) é como se estivessem dentro do filme, revivendo tudo como se estivessem lá, e aí assumem as diversas posições, inclusive das pessoas envolvidas. Segundo a

¹ EAD – sigla para designar a modalidade de Educação a Distância.

Programação Neurolinguística - PNL², as pessoas fazem isto naturalmente com suas lembranças e o cérebro pode registrar tudo como se tivessem associados ou dissociados. E, na maioria das vezes, não se tem controle sobre isto.

Assim como afirma O’ Connor (2003, p. 120): “Às vezes não aprendemos com experiências porque não gostamos de revisitá-las. Podem ser dolorosas de serem lembradas – o que significa que as estamos lembrando de forma associada”.

Com referência a análise do caso acima, no qual Bandler pede para os cursistas se lembrarem de uma discussão que tiveram com alguém e tinham certeza de que estavam com a razão. Ele pede para se lembrar do evento como se fosse um filme. E pede ainda que fiquem em duas posições: inicialmente era da maneira como se lembram do evento, que denominamos aqui de primeira posição, ou seja, de acordo com o seu próprio ponto de vista, em que estão cheios de razão, e, em seguida, do ponto de vista da outra pessoa, que é a segunda posição. Depois de um tempo, alguns homens e mulheres se manifestam, conforme declara Bandler (1987, p. 49):

Notaram alguma diferença? Talvez não muitas para alguns de vocês, principalmente se já fazem isto naturalmente. Para outros, porém, pode existir uma grande diferença. Ainda têm certeza de que estavam com razão?

Homem: Assim que vi o meu rosto e ouvi o meu tom de voz, pensei: “Quem é que prestaria atenção no que este idiota está dizendo?”.

Mulher: Quando me tornei minha própria interlocutora, notei vários pontos sem nexos no meu argumento. Notei que estava funcionando à base de adrenalina e o que dizia não estava fazendo muito sentido. Vou pedir desculpas àquela pessoa.

Homem: Pela primeira vez escutei o que a outra pessoa estava me dizendo e fez sentido para mim.

Homem: Ao me escutar, pensava: Não é possível dizer de outra maneira para expressar melhor o que está querendo dizer?

Quantos aqui, após mudarem de ponto de vista, continuam a pensar que tinham razão? (pausa) Três, num total de 60. São essas as chances de estarem certos quando pensam que estão – aproximadamente cinco por cento.

Dentro da noção de “ponto de vista” pode-se ver e analisar uma situação de vários ângulos. Mesmo que se pense nesta expressão em termos metafóricos pode-se agir literalmente de qualquer ponto no espaço (ANDREAS; FAULKNER, 1995, p. 39).

Considera-se aqui o conceito de espaço como sendo o real ou virtual, porque este fenômeno acontece a todo o momento de forma consciente ou inconsciente na mente das

² PNL – sigla de Programação Neurolinguística, modelo de comunicação criado por Richard Bandler - matemático e John Grinder - linguísta (década de 1970), na Universidade de Santa Cruz, Califórnia – USA.

pessoas, tanto nas aulas presenciais como na modalidade à distância e ainda em palestras e treinamentos.

Bandler (1987, p. 49-51) continua ensinando aos seus cursistas sobre a experiência que fizeram sobre mudança de ponto de vista:

Há séculos fala-se dos “pontos de vista”. Mas sempre se pensou que era mais uma metáfora do que a realidade. Não se sabia que instruções dar a alguém para que mudasse o seu ponto de vista. O que vocês acabaram de fazer é apenas uma das infinitas possibilidades. Qualquer coisa pode ser literalmente vista de qualquer ponto no espaço. Você pode ver-se a si mesmo e ao outro, do mesmo ponto de vista de um observador neutro. Você pode observar o que está acontecendo de cima, ou de baixo para ter uma visão “inferior”. Pode adotar o ponto de vista de uma criança ou de um idoso. Fica um pouco mais metafórico e menos específico, mas se dá certo para alguém, por que não usá-lo?

Entendemos que, também em educação, a relação entre ensino e posições perceptuais é fundamental no processo de observação de si (professor) e do outro (aluno) sobre vários prismas para o processo educativo. Neste sentido, concordamos com O’Connor (2003, p. 39) quando afirma:

Uma das primeiras coisas que aprendemos sobre o mundo é que nem todos compartilham nosso ponto de vista. Para compreender uma situação plenamente, você precisa adotar diferentes perspectivas, assim como ao examinar um objeto de ângulos diferentes para ver sua largura, altura e profundidade. Um só ponto de vista oferece apenas uma única dimensão, uma única perspectiva, verdadeira daquele ângulo, mas um retrato incompleto do objeto inteiro.

As pesquisas nesse sentido continuaram com Richard Bandler e os pesquisadores John Grinder e Judith Delozier, que acabaram criando um modelo específico e prático a partir do trabalho de Gregory Bateson. Este modelo consiste em construir compreensão a partir de três perspectivas bem definidas, as quais são consideradas ao mesmo tempo verdadeiras como também limitadas (O’CONNOR, 2003).

Dilts (1997, p. 109), que também faz muitas pesquisas sobre ensino e aprendizagem, chama essas três posições como posições perspectivas básicas na comunicação e nos relacionamentos:

Nossas perspectivas das idéias ou experiências podem ser afetadas profundamente pelo ponto de vista ou perspectiva a partir da qual nós as consideramos. Existem três posições ‘perspectivas básicas’, pelas quais a situação de comunicação pode ser observada. As posições perspectivas referem-se a pontos de vista fundamentais que podem ser tomados no que concerne ao relacionamento entre uma pessoa e outra.

Tanto o professor quanto o aluno, ou ainda seu interlocutor, cursista, cliente, treinando, assumem estas posições. Elas se referem à perspectiva que este ou aquele adota durante a aula ou em momentos específicos para se perceberem nas várias situações que se apresentam. Eis as descrições das posições que, embora tradicionalmente defendamos a existência de três, há autores que introduzem uma quarta.

Inicialmente, as posições perceptuais foram descritas por Dilts (1997) e O' Connor (2003) como sendo três as básicas: a) primeira posição – do seu próprio ponto de vista; b) segunda posição – do ponto de vista do outro, onde se procura colocar no lugar do outro; c) terceira posição – do ponto de vista do observador, que é a metaposição. Estas posições perspectivas podem alterar sensivelmente as interações e visões sobre determinadas situações.

2 PRIMEIRA POSIÇÃO – A NOSSA MAESTRIA

Quando se posiciona a partir da primeira posição, a visão da educação, do mundo e de homem (ser humano) é da sua própria perspectiva. É a sua própria realidade, sua própria visão de qualquer situação. A maestria pessoal vem de uma primeira posição forte. É preciso que a pessoa se conheça e a seus valores para ser um modelo eficaz e influenciar outros através de exemplo (O'CONNOR, 2003, p. 39). Tudo o que pensa, fala e faz é fruto da sua própria sabedoria, tão necessária para o domínio do conteúdo em todo o processo pedagógico.

Conforme Dilts (1997, p. 109 e 111), na primeira posição o indivíduo fica associado a “seu próprio ponto de vista, crenças e pressuposições, olhando o mundo externo através dos seus próprios olhos. O ponto de vista da primeira pessoa – de si mesmo”.

Há quem use metáforas ou analogias para designar esta primeira posição, como é o caso de Gonzáles (2002, p. 43) que amplia para quatro posições e atribui um personagem a cada uma delas. Por exemplo, a primeira é o ator que “deixa o mundo entrar por seus cinco sentidos”.

Se o professor permanecer o tempo todo na primeira posição, corre o risco de se fechar em seu próprio mundo e não explorar o modelo de mundo do outro, não dando oportunidade para a partilha de conhecimento. Por isso que para potencializar e ampliar a sua maestria, ou até mesmo sua excelência na arte de se comunicar, é importante circular nas outras posições perceptuais.

3 SEGUNDA POSIÇÃO – COLOCAR-SE NO LUGAR DO INTELOCUTOR

É uma forma de se sair de si e se colocar na posição do outro. “É dar o salto criativo de sua imaginação para compreender o mundo a partir da perspectiva da outra pessoa, pensar da forma que ela pensa. A segunda posição é a base da empatia e da sintonia. Dá-nos a capacidade para apreciarmos os sentimentos dos outros (O’CONNOR, 2003, p. 39).

É quando se percebe a realidade a partir do outro. Assim como afirma Dilts (1997, p. 110-111), que na segunda posição o indivíduo fica associado “a partir das pressuposições, crenças e pontos de vista da outra pessoa, olhando o mundo externo através dos olhos dela. O ponto de vista da segunda pessoa – outros que estão envolvidos na situação”. É assumir o lugar da outra pessoa.

Gonzáles (2002, p. 43) por sua vez e dentro da sua visão metafórica, atribui para a segunda posição à figura do interlocutor, “que se põe virtualmente na pele do outro para sentir por meio de seus sentidos”.

O conhecimento do grupo de alunos que o professor vai enfrentar tem a ver também com esta segunda posição, que ao contrário do que possamos pensar, acaba sendo esta a primeira posição que entramos no processo de ensino. Ela acontece durante a aula, mas inicia muito antes do professor entrar na sala e se torna muito forte antes da primeira aula com a turma.

Portanto, para compreender o que é estar na segunda posição, é só pensar no que se passa na cabeça do professor uns dias antes de começar a sua primeira experiência prática na docência. Se já vem um nervosismo e começa ter algumas alucinações emocionais, tentando compreender e até vivenciar, antecipadamente, as emoções da outra pessoa, dos seus alunos, é sinal de que já está associado à segunda posição, a posição emocional (O’CONNOR, 2003) .

Quando o professor considera que “é necessário não somente saber determinar o que as pessoas precisam, mas também a maneira como aprendem. [...] é importante compreender os seus valores, suas crenças e a forma como elas vêm a si mesmas”, significa que já está associado a segunda pessoa (DILTS, 1997, p. 111).

A sua imaginação já se transporta para a sala de aula que ainda nem existe e reúne informações sobre seus alunos, e isso acontece tanto em nível consciente como inconsciente, por isso que às vezes não temos muito controle.

Uma boa formação docente compreende estar preparado para fazer também uma boa avaliação prévia, que implica em reunir o máximo de informações sobre os alunos e suas necessidades, e faz com que tenhamos mais segurança de atuar com competência nas várias posições. Isto implica também compreender como o aluno processa informações, como constrói o conhecimento, as opiniões, enfim como processa as ideias e o pensamento.

Portanto, essa habilidade trata de saber se colocar no lugar do outro, onde se torna crucial o autocontrole, mas exige muito conhecimento e habilidade para lidar com os alunos, porque existem duas segundas posições, conforme nos aponta O'Connor (2003, p. 39, grifos do autor):

Segunda posição emocional é compreender as emoções da outra pessoa. Portanto, você não deseja feri-la porque pode imaginar a sua dor.
Segunda posição intelectual é a capacidade de compreender como outra pessoa pensa, os tipos de idéias que tem e o tipo de opinião e resultados que detém.

Pelo fato de a transcendência começar pela segunda posição, quando o indivíduo sai da sua realidade para ir ao encontro do outro, pode-se considerar também uma segunda posição do ponto de vista espiritual.

3.1 Segunda Posição Espiritual

De acordo com a *regra de ouro*, que recomenda fazermos ao outro aquilo que gostaríamos que fizessem a nós, que vale para todas as religiões, o indivíduo deve sair de si para fazer ao outro aquilo que gostaria que fosse feito a ele. No fundo esta ideia sintetiza uma regra universalmente conhecida. Além de outras personalidades, Sêneca já tinha conhecimento deste princípio e o chinês Confúcio vivia repetindo no Oriente (LUBICH³, 2003, p. 167).

Dentro de uma perspectiva ecumênica e inter-religiosa, Lubich (2005, p. 167) afirma, quando se refere à *regra de ouro*: “Amemos assim cada próximo que encontramos no correr do dia. Imaginemos estar na sua situação e tratemo-lo como gostaríamos de ser tratado em seu lugar”.

Gandhi também se referia a este princípio quando alegava que não podíamos fazer mal ao outro sem ferir a nós mesmos (LUBICH, 2003).

³ **Chiara Lubich (1920-2008)** – escritora e fundadora do Movimento dos Focolares, presente em 182 países no mundo, que congrega cerca de cinco milhões de pessoas e tem por objetivo construir pontes de diálogo e de fraternidade, ideal sintetizado na expressão “mundo unido”. Ela alcançou notoriedade especialmente pelo seu trabalho em favor do ecumenismo e no campo inter-religioso. Dentre os reconhecimentos que recebeu por sua atividade no campo espiritual, social e cultural destacam-se: Prêmio UNESCO de Educação para a Paz (1996), Ordem do Cruzeiro do Sul, do governo brasileiro, Honra ao Mérito, da Universidade de São Paulo (1998) e 12 títulos de doutor *honoris causa* em educação, teologia, filosofia, economia, ciências humanas, entre outras disciplinas (no Brasil, em humanidades – ciência da religião, pela PUC-SP, e economia, pela Unicap, PE). Seus principais livros são *O Grito; Meditações; A atração do tempo moderno; O essencial de hoje; Fragmentos; Sim, sim. Não, não! ; A aventura da unidade; Por que me abandonaste? e Maria, transparência de Deus*.

É assim também na tradição judaico-cristã, conforme consta na Bíblia (2005, p. 596): “E assim tudo o que vós quereis que vos façam os homens, fazei-o também vós a eles. Porque esta é a lei dos profetas (Mt 7,12)”.

Estas frases tornaram-se princípios universais e alavancam, deste modo, uma grande rede de solidariedade na medida em que são colocadas em prática no cotidiano. É assim que Lubich, seguindo este preceito, orienta aos membros de sua comunidade (2003, p. 167):

Ele está com fome? Estou com fome eu – pensemos. E demos a ele de comer. Sofre injustiça? Sou eu que sofro!
Está nas trevas e na dúvida? Sou eu que estou. E lhe digamos palavras de conforto, e dividamos com ele suas angústias, e não nos demos sossego enquanto ele não se sentir iluminado e aliviado. Nós queríamos ser tratados assim.
É um portador de deficiência física? Quero amá-lo até quase sentir em meu corpo e em meu coração a sua deficiência, e o amor haverá de me sugerir o recurso certo para fazer que se sinta igual aos outros, aliás, com uma graça a mais, pois nós cristãos sabemos o valor do sofrimento.
E assim com todos, sem discriminação alguma entre simpático e antipático, entre jovem e ancião, entre amigo e inimigo, entre compatriota e estrangeiro, entre bonito e feio [...].

Nessa regra universal está resumido o que devemos fazer na segunda posição. Lubich (2003, p. 167), em outras palavras, alerta: “Ouve essa frase: Tudo aquilo, portanto, que quereis que os homens vos façam, fazei-o vós a eles, pois esta é a Lei dos Profetas”.

Assim, quando saímos da nossa posição e nos colocamos no lugar do outro, aderimos a forma pedagógica descrita na Bíblia (2005, p. 693, 1ª Cor 9, 19-23) do exemplo de São Paulo que ensinava suas crenças e convicções cristãs aos judeus e não-judeus colocando-se no lugar deles de forma vivencial profunda.

O apóstolo Paulo se apresenta diante daqueles que desconheciam a revelação proposta pela sua doutrina, numa sintonia fina de unidade com o outro. Esta é a segunda posição perceptual mais delicada e elegante que se pode ter com o outro. Conforme a Bíblia (2005, p. 693): “Para os fracos, fiz-me fraco, a fim de ganhar os fracos. Fiz-me tudo para todos, a fim de, por todos os meios, salvar alguns” (1 Cor 9,22).

Os fracos para os professores podem ser comparados com aqueles alunos que mais precisam da mediação pedagógica. Aqueles alunos intelectualmente limitados, com baixa autoestima, desmotivados, agressivos, nervosos, mal educados, grosseiros, com poucos recursos e limitados do ponto de vista emocional e cognitivo. “Os fracos, segundo Paulo, seriam os cristãos que, por terem uma consciência frágil e um conhecimento limitado das coisas, se escandalizam facilmente” (LUBICH, 2000).

A segunda posição espiritual é fazer-se um com cada aluno na sala de aula, principalmente aquele que ainda não tem educação ou que é mal educado, pois é este que precisa de educação. Lubich (2000, p. 1) usa exatamente a expressão “fazer-se um” para designar o colocar-se no lugar do outro:

Fazer-se um com os próximos, sejam eles pequenos ou adultos, ignorantes ou cultos, ricos ou pobres, homens ou mulheres, compatriotas ou estrangeiros. São aqueles que você encontra na rua, com quem fala ao telefone, para os quais trabalha [...] É preciso amar a todos. Mas, preferir os mais fracos.

A segunda posição espiritual é reconhecida no meio religioso com a expressão “fazer-se um com o outro” ou “estar em unidade”, é conhecida e estudada na espiritualidade do movimento religioso fundado por Chiara Lubich em que afirma estar no DNA de cada ser humano a arte de amar, que começa com a posição da “unidade” com o outro. No meio religioso é conhecida a expressão “fazer unidade com o semelhante” (LUBICH, 2003, p. 294).

Nessa segunda posição espiritual, vive-se o grande princípio do amor cristão que é o segundo mandamento: “amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mt 22, 39). Sem sair de si para encontrar o outro não se pode viver a unidade fraterna, Assim fala Chiara Lubich da arte de amar para os políticos, na Sede da Prefeitura de Roma, em 22 de janeiro de 2000, conforme Lubich (2003, p. 294):

É uma arte que exige que amemos a todos sem discriminação e, portanto, também sem distinção de partido.
Que amemos primeiro; amor que nos leva a “fazermos-nos um” com os outros, para acolhê-los, criando dentro de nós o vazio das nossas preocupações, dos nossos pensamentos.

Assim, quando estamos construindo um relacionamento a partir da segunda posição, seja emocional, intelectual ou espiritual, dizemos que estamos em sintonia e harmonia, que nos leva a construir fortes relacionamentos a partir da unidade plena com a turma.

Em PNL, a relação de harmonia, sintonia e unidade é conhecida como *rapport*, que a pessoa vai ter na medida em que constrói um bom relacionamento com outra pessoa. “Esta tecnologia de comunicação fornece as habilidades para a criação de um relacionamento respeitoso e mutuamente influente ao estabelecer e construir *rapport* em diferentes níveis neurológicos” (O’CONNOR, 2003, p. 45).

4 TERCEIRA POSIÇÃO - METAPOSIÇÃO

Também conhecida como “metaposição”, a terceira posição coloca o indivíduo mais como espectador.

Assim como define Dilts (1997, p. 110-111), o indivíduo nessa posição fica associado ao “ponto de vista externo ao relacionamento entre você e outra pessoa, como observador”.

Trata-se, portanto, de um observador distante e que não se envolve para facilitar a avaliação. Aponta O’Connor (2003, p.39):

É um passo para fora de sua visão e da visão da outra pessoa para uma perspectiva distanciada. Ali você pode ver o relacionamento entre os dois pontos de vista. A terceira posição é importante quando você verifica a ecologia de seus resultados. É preciso esquecer, por um momento, que é o seu resultado e que você o quer, e olha para ele de forma mais distante.

Da mesma forma se posiciona Gonzáles (2002, p. 43) que apresenta na terceira posição também o observador, que “transcende a primeira e a segunda posição para observar o outro e a si mesmo a partir de fora”.

Caracteriza bem a figura do professor avaliador, quando se posiciona com toda a sua imparcialidade na arte de dar e receber *feedback* – um observador imparcial (DILTS, 1997, p. 111).

Gonzáles (2002, p. 43) admite ainda uma quarta posição como sendo a figura do criador, quando o indivíduo “tem uma crença, e pela fé ele se translada ao coração de Deus para ver o mundo e os homens com o olhar de Deus”.

5 QUARTA POSIÇÃO - METAMEDIAÇÃO

Na quarta posição o professor mediador ultrapassa qualquer visão estreita, mecanicista que eventualmente possa ter da PNL, ou de homem máquina, e redimensiona a ação pedagógica com os dois pés bem instalados no chão da sala de aula. Retoma a sua maestria na arte de se comunicar com uma visão mais ampla de todo o processo de interação e integração com a turma ou com a plateia.

Nesta posição se tem, efetivamente, a visão transcendente, a visão do criador. Com a posição transcendente, consegue-se uma visão de conjunto muito mais ampla (GONZALES, 2002, p. 45).

O professor passa a ampliar os horizontes com a perspectiva da fé, adquirindo, efetivamente, a visão holística pregada no novo paradigma da educação de que fala Behrens (2005).

Vemos uma grande relação da segunda posição espiritual com esta última, pois ambas nos coloca numa dimensão superior, porque é a dimensão de Deus. Faz com que o professor veja seu aluno cada dia com novo olhar, como se fosse pela primeira vez.

“Devo, pois, dispor-me a ver as coisas na perspectiva de Deus” (LUBICH, 2003, p. 144)

Mas, esta quarta posição ajuda a recomeçar com sabedoria, ajuda a encontrar um metaprocessos educativo, principalmente com aqueles alunos que de alguma forma nos causaram desconforto, mágoas, ressentimentos ou qualquer outra emoção negativa.

Muitas vezes são os que chamamos de mal educados, que na realidade são os que mais estão precisando da nossa mediação pedagógica. Pois são os doentes que precisam de médico. São aqueles que não encontramos na terceira posição (metaposição da ciência do novo paradigma) uma estratégia adequada. São aqueles que já tentamos de tudo, esgotamos nossas estratégias metodológicas, eles conseguiram romper todos os padrões e muitas vezes tiram o professor do sério.

A quarta posição, portanto é a da metamediação (mediação do Criador) e do metaprocessos (processo da sabedoria divina, que vem da fé), que vão possibilitar uma nova visão da mediação em todos os sentidos, principalmente na relação professor/aluno. Consiste em começar pela renovação das relações a cada dia, quando se olha o aluno com olhos novos, como se fosse pela primeira vez.

Neste sentido, Lubich (2003, p. 144) nos dá uma luz:

Devo vê-lo novo, como se nada houvesse acontecido e reiniciar a vida junto com ele, [...], como da primeira vez, porque nada mais existe. Essa confiança o salvará de outras quedas. E eu também, se com ele tiver usado tal medida, poderei ter esperança de ser, um dia, por Deus assim julgado.

Essa situação nos ilumina sobre a forma de lidar com os alunos depois de situações desagradáveis na sala de aula, aonde tudo pode mudar porque tudo pode ser renovado na quarta posição, começando pela metavisão.

A ideia de que todos têm os mesmos direitos e os mesmos recursos para aprender, abre também uma imensidão de possibilidades e livra os alunos de crenças limitantes a respeito de si e dos outros, a questão muitas vezes é ter a sabedoria suficiente para ensinar tudo a todos.

Portanto, todos conseguem aprender tudo, assim como os dois pressupostos da PNL discutidos no Capítulo 3: “Se algo é possível para alguém no mundo, também é possível de ser aprendido” e “Qualquer coisa pode ser aprendida se for abordada de maneira adequada” (BLACKERBY, 2000).

É muito comum na comunidade educativa a crença de que determinada disciplina é mais difícil ou determinado conteúdo é impossível de ser assimilado integralmente. O que é mais sério quando a crença se refere ao método de determinado professor que não tem flexibilidade para mudar. Na maioria das vezes são os próprios professores que instalam certas crenças nos seus alunos, com a “intenção positiva” de se valorizar ou valorizar exageradamente sua disciplina ou determinado conteúdo.

Assim como na vida, numa sala de aula aqueles que mais precisam, só precisam de uma atenção especial, precisam de uma técnica pedagógica que facilite a aprendizagem. Em uma sala de aula ocorrem as mesmas situações que no cotidiano em lugares diversos. Sendo assim, mesmo no ambiente de estudo, há pessoas que necessitam de mais atenção e outras menos.

Os alunos que tem crenças limitantes sobre os estudos e sobre sua capacidade de aprender podem mudar isso, tendo um professor mediador que seja realmente um “mestre“, que seja um “educador por excelência”. Este professor saberá orientar como escolher a cada momento sua posição diante da vida (GONZÁLES, 2002, p. 45-46).

Existe, portanto, além das três posições preconizadas na maioria dos livros de PNL, uma quarta posição forte, que é destacada por Gonzáles (2002, p. 45-46):

1ª posição: diante do positivo e construtivo.

2ª posição: diante do destrutivo e perante pessoas com problemas ou com sentimentos negativos; para poder ajudar.

3ª posição: diante dos problemas, desafios e exigências de criatividade e excelência pessoais.

4ª posição – TRANSCENDENTE: para ter uma visão de conjunto ou de fé.

Em linhas gerais, podemos resumir estas capacidades do seguinte modo: O aluno necessita de um professor que tenha maestria e conduza sua aula com domínio pleno do conteúdo (primeira posição), ao mesmo tempo tenha a sensibilidade de se colocar no lugar do aluno para sentir suas principais carências (segunda posição), consiga ter criatividade para encontrar caminhos e adequar o método ao perfil de cada educando (terceira posição). Um mestre que, efetivamente, tenha uma visão de fé, cuide e acompanhe seus alunos; tenha a flexibilidade necessária para potencializar cada posição perceptual (quarta posição).

Abaixo transcrevemos a aula ministrada em 10 de novembro de 2000 na *Catholic University of America, de Washington D.C.*, por ocasião da outorga de doutorado *honoris causa* em Pedagogia a Chiara Lubich (2003, p. 149):

Efetivamente, o nosso Movimento e a nossa história podem ser vistos como um grande e extraordinário acontecimento educacional. Nele estão presentes todos os fatores da educação, sendo também evidente a presença de uma teoria da educação bem delineada que fundamenta o nosso modo de agir educacional.[...] constatamos que em nossa história, desde os primórdios, sempre esteve presente um *educador*, o Educador por excelência, precisamente Ele, Deus-Amor, Deus-Pai. Ele é que tomou a iniciativa de cuidar de nós, que nos acompanhou, que nos renovou e regenerou – com a intencionalidade que orienta o verdadeiro educador – ao longo de um itinerário riquíssimo de formação pessoal e comunitária. [...] Era justamente na constatação de que todos somos filhos do mesmo Pai que se baseava a idéia-forte de Comenius⁴, grande representante da pedagogia moderna: é preciso “ensinar tudo a todos”. Foi dito “ensinar tudo a todos”, mas para tanto é necessário usar – dizia Comenius – a regra pedagógica da gradação. A gradação – pensando bem – que justamente o Pai nos parece ter sugerido ao nos impelir, desde os primeiríssimos dias, a viver a sua Palavra, escolhendo uma frase por vez do Evangelho, para ser posta em prática durante um mês, na vida de cada dia. [...] Com esta técnica pedagógica muito simples da gradação e da plenitude, a luz do nosso Ideal se difundiu e continua a difundir-se muito além de nós, como experiência espiritual e educacional forte e em contínua expansão.

Portanto, temos aí um modelo de encarnação do Cristianismo neste novo paradigma da educação, aonde aparece um “mestre” que assume, efetivamente, as posições perceptuais. Lubich (2003) dá uma grande luz, dentro da visão cristã de educação.

Inspirando-se nas ideias do psiquiatra Victor Frankl⁵ (1992), o professor mediador se distingue dos demais quando entra nesta posição de sabedoria divinizada, própria da realidade “bio-psico-espiritual” apontada como uma das etapas da formação do professor mediador.

Sobre esta inclusão do espiritual na realidade psicofísica do homem, Frankl (1992, p. 21) assim se posiciona:

Pelo fato de o ser humano estar centrado como indivíduo em uma pessoa determinada (como centro espiritual existencial), e somente a pessoa espiritual estabelece a unidade [...]. Não será demais enfatizar que somente esta totalidade tripla torna o homem completo. Portanto, não se justifica como freqüentemente ocorre, falar do ser humano como uma totalidade corpo-mente, corpo e mente podem constituir uma unidade, por exemplo a unidade psicofísica, porém jamais esta unidade seria capaz de representar a totalidade humana. A esta totalidade, ao homem total, pertence o espiritual, e lhe pertence como sua característica mais

⁴ **Comenius** – Teólogo, nascido na Moravia, região da atual República Tcheca. Viveu de 1592 a 1670. Além da primeira reforma prática radical da pedagogia, tentou a sua primeira sistematização orgânica como ciência.

⁵ **Dr. Victor Frankl** – médico psiquiatra, escritor, fundou uma terceira escola vienense de psicoterapia de Viena (Logoterapia), reconhecida internacionalmente. Foi professor de Neurologia e Psiquiatria na Universidade de Viena e também professor de Logoterapia da Universidade

específica. Enquanto somente se falar de corpo e mente, é evidente que não se pode estar falando da totalidade

Por outro lado, o professor, nessa quarta posição, começa a ver também o aluno de forma totalitária e vai além da dimensão “corpo e mente”, que até então representava uma unidade. Amplia este sistema com a visão espiritual, do qual fala Dr. Frankl (1992).

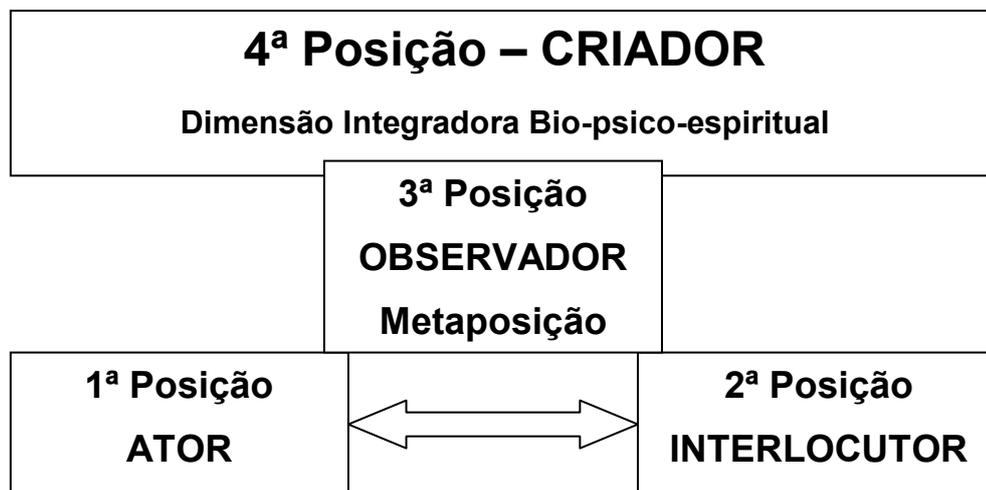


Figura 1 – Posições Perceptuais
Fonte: Adaptado de O’ Connor (2003), Gonzáles (2002) e Dilts (1997)

Ao entrar na sala de aula o professor já se encontra numa determinada posição e, na maioria das vezes, começa a agir automaticamente porque é um mecanismo mais inconsciente do que consciente. Normalmente ele entra na posição 1 e permanece por muito tempo.

Para que o professor consiga circular nas três posições de forma equilibrada e harmoniosa, é necessário tempo e prática.

6 CONSIDERAÇÕES PRÁTICAS SOBRE POSIÇÕES PERCEPTUAIS

De acordo com que Tardif (2009) discute sobre a questão da teoria e prática, e até reconhecendo que os modelos de ação docente propostas pela PNL podem ter sido abordados de outras formas na formação acadêmica do professor, o receio é se realmente fizeram parte da sua prática efetiva em sala de aula, através dos estágios ou outras experiências concretas que fizeram diferença no seu modo de agir.

No caso específico das posições perceptuais, é muito importante a prática, porque está relacionada com habilidades do professor de se associar ou dissociar nas diversas situações de sala de aula ou no palco, e às vezes surpreendentes situações que enfrenta no cotidiano da sala de aula. Elas vão determinar suas ações, evitando agir por impulsos e assim ter atitudes cada vez mais assertivas com o seu aluno.

A habilidade ora proposta depende do controle de vários fatores internos do professor que determinam comportamentos. Por esta razão que se começa com a observação através dos vários pontos de vista, e, para isto precisa das habilidades mentais de associação e dissociação, que por sua vez depende de sentimentos.

Conforme aponta Tardif (2009), as exigências destacadas pelos professores, em mais de vinte anos de pesquisa, chamam a atenção para o fato de que o saber profissional dos docentes deve ter uma relação muito mais voltada para a prática, para a experiência efetiva na sala de aula. E é lá que ele exercita suas habilidades docentes, também a de se associar ou dissociar das várias situações e ver as questões que se apresentam sob várias perspectivas.

E é isto também que os especialistas de PNL alertam constantemente nos cursos, uma vez que somente o contato teórico com esta disciplina não vai levar a nada. Aliás, já virou um discurso repetitivo que na educação precisa desta articulação da teoria com a prática.

Insistimos que apenas o contato teórico sobre estes temas não leva a resultados satisfatórios, pois é necessária uma reflexão profunda sobre nossa prática, mas também a aplicação das novas propostas na vida para que a mudança ocorra em primeiro lugar no professor.

A questão não está tanto no “o que fazer”. Neste caso parece muito óbvio o que estamos falando! A grande questão é o “como fazer” e como trazer esta e tantas outras contribuições da neurolinguística para o trabalho na sala de aula.

Artigo recebido em 15 de outubro de 2012 e aceito para publicação em 10 de janeiro de 2013

Abstract

This article is the product of research for the Master's and Doctoral Program in Education at Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUC-PR, called “Mediating Instructor Using Information and Communication Technologies and the Contribution from Neurolinguistics in the Classroom”. The project was carried out based on the application of new information and communication technologies (ICT) combined with the current communication and relationship processes, more specifically Neuro-linguistic Programming (NLP). In that regard, one of the purposes of this research was to point out the contributions from modern neurolinguistics to the teaching practice by means of new teaching approaches in the on-

campus or virtual classrooms (studios), and which can also be used in lectures and conferences. This article stemmed from one of the chapters in the Master's dissertation which specifically dealt with the advances in the communication and relationship processes, and introduced the first step for mediating instructors to start practicing neurolinguistics from the beginning of their intervention. This article highlights the standpoints of several authors about perceptual positions and how to use them in several classroom or lecture hall situations. We also make clear how important this technique is for instructors or lecturers to keep their own emotional state in check and avoid acting on impulse, thereby behaving increasingly more assertively regarding new forms of communication leading to a meta-position for meaningful learning and/or the expected results.

Key Words: Perceptual positions. NLP. Meta-mediation.

REFERÊNCIAS

ANDREAS, Steve e FAULKNER, Charles. **PNL: a nova tecnologia do sucesso**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

BANDLER, Richard. **Usando sua mente: as coisas que você não sabe que não sabe**. São Paulo: Summus Editorial, 1987.

BEHRENS, Marilda Aparecida. **O paradigma emergente e a prática pedagógica**. 3ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

BÍBLIA sagrada. Tradução de Pedro Antônio Pereira de Figueiredo. Rio de Janeiro: Edelbra, 2005. 751 p.

DILTS, Robert. **Enfrentando a audiência**. São Paulo: Summus, 1997.

FRANKL, Viktor E. **A presença ignorada de Deus**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992

GONZÁLES CASTELLANOS, Luis Jorge. **Introdução à programação neurolinguística**. São Paulo: Paulus, 2002.

LUBICH, Chiara. **Ideal e luz: pensamento, espiritualidade, mundo unido**. São Paulo: Brasiliense; Vargem Grande Paulista: Cidade Nova, 2003.

_____. Palavra de vida: fazer-se um. In: suplemento mensal da Revista Cidade Nova. Vargem Grande Paulista, fevereiro/2000.

O'CONNOR, Joseph. **Manual de Programação Neurolinguística**: PNL - um guia prático para alcançar os resultados que você quer. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2003.

TARDIF, Maurice. O que é o saber da experiência no ensino? In: ENS, Romilda Teodora; BEHRENS, Marilda Aparecida; VOSGERAU, Dilmeire Sant'Anna Ramos (Org.). **O trabalho do Professor e Saberes Docentes**. Curitiba: Champagnat, 2009.